UNIVERSIDADE PITÁGORAS UNOPAR

SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO

NOME DO CURSO

VALERIA DA ROSA CARDOSO

OS DESAFIOS DE UMA ADOÇÃO TARDIA

Torres
2018

VALERIA DA ROSA CARDOSO

OS DESAFIOS DE UMA ADOÇÃO TARDIA

Trabalho apresentado ao Curso Pós Graduação
da UNOPAR - Universidade Pitágoras Unopar,
para a disciplina Gestão Social

Prof. Sabrina Oliveira de Matos

Torres
2018

OS DESAFIOS DE UMA ADOÇÃO TARDIA

RESUMO: O presente artigo buscou averiguar e detectar as dificuldades encontradas no processo de adoção tardia e averiguar as causas que levam os adotantes a desistir da adoção e entregar as crianças e ou adolescentes aos respectivos abrigos de origem. O estudo narra o contexto da adoção tardia, enfatizando os embaraços na junção entre a realidade do perfil das crianças existentes à adoção, o perfil desejado pelos requerentes e o defesa do direito da criança à convivência familiar e comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: dificuldades; adoção tardia; perfil.

1 Introdução

Adotar é uma loteria da vida familiar porque acertar é sempre um desafio. Temos que proteger, aceitar o outro em sua totalidade, mas, também com seus obstáculos e deficiências. Amar incondicionalmente relata que só Deus é capaz de ofertar. A maioria dos mortais tem impedimentos para amar incondicionalmente, sem cobrar nada em troca.

Com objetivo de compreender as dificuldades de uma adoção tardia e o que leva a devolução de crianças ou adolescentes aos abrigos que penitenciam. Buscamos analisar

Adotar uma criança mais velha, muitas vezes se implica de um desafio mais complexo, porque se trata de alguém que não foi criado por nós, como se espera que os filhos sejam ou devem ser moldados pelos pais. Entretanto, nos esquecemos de que na maioria das nossas relações da vida cotidiana convivemos com os colegas de trabalho, escolas, amigos e cônjuges, relacionamos com pessoas moldadas e criadas por outros. E nem por isso esses relacionamentos são menos agradáveis ou valorosos. O distinto, muitas vezes, nos afasta, mas no final sempre nos cativa.

Desenvolver um vínculo de pais e filhos requer empenho, devoção e acima de tudo tempo. Adotar uma criança mais velha pode ser comparado com

o casamento, namoramos com uma pessoa por um tempo, você se apaixona por ela e acredita que seriam felizes para sempre, mas na rotina diária conclui que não a conhecia muito bem esta pessoa, sua personalidade, seus hábitos. Essa situação pode levar a separação, mas se o casal se unir e apostar na relação com amor e ambos procurar entender as diferenças entre as personalidades e superar suas diferenças, o vínculo se fortalece. Na adoção também é fundamenta lesse investimento, pois a adoção é irrevogável. Por este motivo, a aproximação de convivência é tão valiosa e não devem ser puladas as etapas, pois é nela que, adotantes e adotados, se conheceram e assim surgem as diferenças e, portanto analisar os desafios que a adoção implica. Os adotantes devem rever se perguntar se realmente desejam a enfrentar os contratempos que certamente surgiram. A supervisão e acompanhamento da aproximação por um profissional habilitado também atribui grande valia na formação e do vínculo pais-criança.

As vivencias práticas revelam que cada caso de adoção tem uma historia exclusiva e singular, ou seja, cada caso é um caso. Entretanto, observamos certas características semelhantes, que se repetem em distintos casos, em particular naqueles de adoção tardia, valendo a pena advertir as famílias habilitadas à adoção sobre essas ocorrências de forma a amenizar ou diminuir seus efeitos negativos durante o período de aproximação. E não podemos ignorar de que, seja adotivo, biológico ou por vínculo, toda vez que um novo integrante é incluído em uma família, surge uma situação de disputa, com todo o seu potencial negativo de risco (perigo), mas também uma ocasião de crescimento/evolução e aperfeiçoamento.

2 Desenvolvimento

No decorrerdo processo de adaptação à nova família, é praticaque crianças passem por um retrocesso, apresentando comportamentos infantis. Por vezes voltam a falar como crianças, fazem xixi na cama e até se interessam por brinquedos utilizados por crianças menores. “Involuntariamente, é uma vivência que busca experimentar etapas anteriores que ficaram atrasadas, incompletas. É um tipo de teste sobre o carinho e a atenção dos

novos pais, ao mesmo tempo, uma corrida para preencher um cuidado que não está completo”,

SÃO CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO DENOMINADO ESTÁGIO DE CONVIVÊNCIA:

01. O aparecimento de um comportamento regressivo na criança: Que variam tanto na forma de intensidade de expressão e são típicos de fases anteriores de desenvolvimento psicológico infantil como, por exemplo: fazer xixi na cama ou nas roupas (mesmo que não tenha mais idade para isso ou não fazia no abrigo que estava), quer usar fraldas, mamadeiras ou mamar no peito ou querer entrar na barriga da mãe adotiva. Acredita-se que este período também ocorra em crianças maiores como o objetivo de resgatar seu desenvolvimento interrompido ou incompleto e reconstruir um novo “eu” a partir da relação com a nova mãe e o novo pai adotivos. É como se a criança regressasse a condição de recém-nascido e desejasse viver uma espécie de um novo nascimento. Esta volta funciona como uma busca das fases importantes do desenvolvimento infantil que podem ser melhores vividas junto aos novos pais. É importante que os adotantes notem e percebam a criança buscando renascer deles. O contato corporal, pele com pele, os cuidados oferecidos pelos pais à criança nestas etapas são primordiais e gratificantes.

02. Agressividade, comum, logo após a fase de encantamento recíproco: O aparecimento de atitudes agressivas, violência física ou verbal, muitas vezes, infundado ou sem aparente ligação com fatos concretos, deixa os adotantes desapontados e confusos sem saber o que fazer com a criança e sem saber o que fizeram para merecer tal tratamento. É importante lembrar que na instituição que estavam acolhidos, regularmente, as crianças contraem comportamentos violentos para se defender. Auxilia muito quando a família adotante determina claramente as regras familiares, os limites e as figuras de autoridade. É essencial para o enfrentamento deste período, que os adotantes tenham calma, determinação e entendam estas explosões emocionais como uma urgência da criança de ser contida emocionalmente pelos novos pais. Ela não sabe enfrentar os sentimentos contraditórios que vive e a expressa de

forma destruidora. Muitas vezes, a criança adotada deixou amigos, irmãos ou tias queridas no abrigo e ainda não supriu tais perdas, é normal que ela enfrente fatos novos o tempo todo no lar ou na escola, em que lhe são cobrados determinados comportamentos. Não raro a criança imagina que a nova família permitirá e atenderá todas as suas desejos e ao se deparar com a realidade tem problemas para aceitar as regras e os limites da casa. Os novos pais tem que serem controlados, tem que ajudá-las a compreender, a dar valor e significados para estas expressões de sentimentos de forma mais construtiva.

03. Agressividade principalmente contra a mãe adotiva é comum ela ser o alvo principal dos ataques da criança: A figura de mãe em nossa sociedade é carregada de simbolismo em muitos casos, a criança cola o fantasma da genitora na mãe adotiva, indo para esta última todos os ataques dirigidos à primeira. Não foi a mãe adotiva que a entregou ou abandonou, mas a criança parece agir com a mãe adotiva como se ela tivesse feito. O medo de uma nova rejeição desencadeia atos provocativos contra os pais adotivos, em especial contra a mãe, como forma de se proteger de mais uma decepção.

04. Confronto do preconceito social: É comum, os adotantes contar que pessoas do seu convívio se afastem da família em virtude da chegada do recente membro. Também é comum os adotantes ouvirem de amigos ou familiares frases do tipo “Porque foi adotar e ainda uma criança tão grande”. Ouvir viver estas frases não são fáceis e põem em dúvida, muitas vezes, os pais adotivos que ainda estão inseguros e pouco confiantes quanto a sua competência para o desempenho dos papéis de mãe e pai. Estes comentários reacendem medos e receios dos pais adotivos sobre “uma provável hereditariedade patológica” ou de que a criança não seja capaz de se curar das “feridas do passado”, independentemente do cuidado, da educação e do amor oferecidos.

05. Empenho significativo do adotado para se identificar com os novos pais: A criança busca imitar o novo pai, mãe, irmão— ‘vê... Sou igual a “você”’. Ela procura estabelecer laços significativos com família nova, quer se parecer

com a mãe, com o pai, com o irmão. Digo, este é um empreendimento mútuo, adotados e adotantes reparam semelhanças, até mesmo físicas. “É a busca de uma pele comum, um nó que represente a união familiar e a inclusão do adotivo como filho, ainda que tal esforço se reveze com as agressividades nas quais a criança diz você não é minha mãe, não é meu pai”.

06. Construção da ligação de filiação com atropelamento de etapas: Na fantasia da nossa sociedade, o tipo de vínculo entre pais e filhos deveria ser aquele que nem à distância, nem o tempo, nem as dificuldades seriam capazes de apagar. Entretanto, nem sempre isso acontece. Os laços de sangue não produzem obrigatoriamente o vínculo afetivo e a filiação pode se dar independentemente do primeiro, pois está mais relacionada à dedicação e a disponibilidade dos pais pelo filho (a) do que pela biologia compartilhada. Um laço forte, um vínculo como esse, não se constrói do dia para noite, até mesmo entre pais e filhos biológicos. É necessário investimento afetivo, renúncia, paciência e dedicação para se construir uma conexão de pai-filho. Pais e filhos negociam suas diferenças dia a dia e a cada fase nova de vida (1ª e 2ª infância, adolescência, juventude). Dá trabalho ensinar educar, não creia que é diferente nas famílias com vínculos biológicos. Na adoção de crianças maiores, o que acontece é que muitas vezes os problemas surgem enquanto os laços entre pais e filhos ainda se encontra em construção e bastante vulneráveis. Adicionam-se as incertezas as dúvidas de ser pai e mãe às dificuldades do início de adaptação e o pouco conhecimento mútuo. Para o adotado também não é fácil, ela vem de um meio e de uma socialização diferente e, que por vezes, não assimilou suficientemente a dor do abandono, de ter sido abusada ou entregue para adoção. Mas não esqueça a cada etapa superada, o vínculo será mais gratificante e forte.

07. O laço de filiação pode se dar de forma diferente para cada pessoa: Ama e expressa seu amor de forma diferenciada. É natural e normal que existam diferenças na conexão entre mãe e filho, pai e filho, mãe e filha, pai e filha, até, ditadas pela tradição ou cultura. Existem também, diferenças na relação do mesmo mãe e do mesmo pai com filhos diferentes. Isso acontece em todas as famílias e na adoção não seria diferente. Pode acontecer uma

diferença entre o grau de vínculo de um dos pais com a criança, por exemplo: um vínculo maior entre a mãe e filho, do que entre o pai e o filho. Essa desarmonia pode acontecer também com uma criança em relação à outra, nos casos de grupos de irmãos. Normalmente, quando tratamos de adoção de irmãos, percebemos que a vinculação pais e filhos ocorram primeiramente com as crianças menores que normalmente centralizam mais cuidados e mostram-se mais dependentes dos adotantes. Esse contexto gera, muitas vezes, sentimentos de dúvidas e culpas em relação à adoção tardia. É comum, que o laço afetivo se construa mais rapidamente e se amadureça quando os envolvidos têm menos resistência para expressar afeto e carinho. Muitas crianças e pessoas não foram ensinadas a demonstrar adequadamente seus sentimentos e emoções. Dar carinho também é um aprendizado. Uma criança pode não aceitar um beijo, um abraço, por muitos motivos, porque ainda não reconhece aquele afeto como gratificante, porque tem vergonha, porque tem medo, porque não quer arriscar. É importante descobrir os sentimentos e emoções envolvidos, ter calma, entender que naquela hora ainda não é possível para seu filho demonstrar afeto. Os pais deveriam estar disponíveis para suprir suficientemente as necessidades emocionais e afetivas de um filho, contudo, é essencial saber que não somos capazes de atender lá a todas.

08. Aquisição de novos hábitos: A criança é inserida em outro grupo familiar, social e cultural com valores e hábitos diferentes do grupo anterior no qual estava inserida. Todos sabem como que leva um tempo e como é difícil trocar hábitos e costumes. Totalmente, novos hábitos de alimentação, de higiene, de estudo, novas experiências, mas, sobretudo é preciso dar o tempo adequado para que cada criança se adapte às novas experiências e as assimile como a criança precisa ver novo com os olhos da família nova, essa nova família também precisa ver pelo olhar da criança. Trocar de lugar com a criança pode ser uma atividade prazerosa em que mãe, pai e filho experimentem.

09. Sentimento de impotência culpa e vulnerabilidade: Os pais que adotam pensam que têm que ser pais perfeitos. Tais sentimentos são agravados durante o estudo psicossocial de inscrição para a adoção, porque,

os adotantes pensam que têm de provar sua capacidade para a atividade do papel de mãe e de pai, antes mesmo de efetivar a adoção. Especialmente durante as manifestações furiosas e regredidas da criança, os adotantes se deparam com seu fracasso pessoal na arte de educar. É norma que os adotantes experimentem sensações contrárias, ora de culpa, ora de raiva ou gratidão em relação à criança.

10. Mobilização de emoções intensas e cheias de insegurança: Tanto da criança adotada como os adotantes experimentam tais sentimentos e emoções. É importante que os adotantes saibam que são pessoas adultas e têm maiores recursos para tratar das emoções do que as crianças. É fundamental que os adotantes possam desenvolver relações afetivas e prazerosas apesar das condições tumultuadas da fase de adaptação.

11. A criança se mostra precoce para determinadas coisas e muito adiantada para outras: Muitas vezes uma criança passou por situações em sua história de vida que aceleraram o seu amadurecimento em certas áreas, em desvantagem de outras e/ou de seu próprio andamento de desenvolvimento emocional. Por exemplo: uma criança pode não ser capaz de diferenciar sabores, cores ou letras, mas ter um conhecimento sexual muito além sua maturidade. Em alguns casos é necessário ensinar com afeto quais as formas de carinho são aceitáveis entre pais e filhos ou entre irmãos e quais não o são. Procurar compreender a sua história é fundamental. É necessário ter cuidado para não culpar lá de situações de quais ela não podia ter evitado em virtude de seu pouco grau de maturidade e autonomia. A construção do laço afetivo entre pais e filhos depende muito mais dos fatores ligados à interação, convivência, ao afeto e respeito mútuos, do que a fatores biológicos que por si só não garantem o vínculo. Estabelecer este laço e fortificar é uma vitória mútua diária com fases muito prazerosas e outras não tanto. Não existe receita de bolo fórmula secreta. O fundamental é manter a perseverança e a esperança, no cuidar, mesmo nos momentos de crise. Nunca se está totalmente preparado, nem nunca se está inteiramente pronto. É muito bom ter o apoio de familiares e amigos, quando isso é possível.

SEGUE A SEGUNDA PARTE DO TRABALHO NÃO ESTA TERMINADA

Referências:

BRASIL. Conselho Nacional da Criança e do Adolescente. Conselho Nacional de Assistência Social. Orientações Técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília, 2009 a.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Ministério da Justiça. Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009. Institui o Programa Nacional de Adoção e Acolhimento Institucional. Brasília, 3 ago. 2009c.

BRASIL. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. Brasília, 2006. Brasília: MDS/CNAS/CONANDA, 2006 a.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social de rua: entre acolhida e formação. In: SOUZA NETO, J. C.; NASCIMENTO, M. L. (Org.). Infância: violência, instituições e políticas públicas. São Paulo: Expressão e Arte, 2006, pp.167-178.

DANTAS, Danilo Sérgio Moreira. A nova lei nacional de adoção (lei 12.010, de 29 de julho de 2009) e as novas diretrizes para a adoção no Brasil, à convivência familiar e garantias dos adotados. Disponível <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=3282

Eldridge, Sherrie (2004) Vinte coisas que filhos adotados gostariam que seus pais adotivos soubessem. São Paulo: Globo.

NASCIMENTO, M. L. do, Lacaz, A. S., & Travassos, M. (2010). Descompassos entre a lei e o cotidiano nos abrigos: percursos do ECA. Canoas: Aletheia, 31

MAGALHÃES, C. M. C., Costa, L. N., & Cavalcante, L. I. C. (2011). Percepção de educadores de abrigo: O seu trabalho e a criança institucionalizada. Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano, 21(3), 818-831.

ORIENTE, I. Sousa, & S. M. G. (2005) O significado do abandono para crianças institucionalizadas. Psicologia em Revista, 11(17), 29-46.

PETRUS A. (2003). Novos âmbitos em Educação Social. In M. Romans, A. Petrus, & J. Trilla (Orgs.). Profissão Educadora Social. (pp. 115-200). Porto Alegre. Artmed.

ORIENTE, I. Sousa, & S. M. G. (2005) O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, 11(17), 29-46.

RIZZINI, Irene (Org.). *Acolhendo crianças e adolescentes*. São Paulo: Cortez, 2007.

Petrus A. (2003). Novos âmbitos em Educação Social. In M. Romans, A. Petrus, & J. Trilla (Orgs.). *Profissão Educadora Social*. (pp. 115-200). Porto A

Vargas, Marлизete. (1998) *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo